

sobre tudo

TERCEIRA MARGEM

João Nilson P. de Alencar³⁷

Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz
Al otro lado del río

Jorge Drexler

Começo com a pergunta que me fizeram, durante a última banca de defesa da carreira docente: “Por que você cita tanto a Argentina?” A questão me pegou de surpresa, tentando este texto ser uma espécie de diálogo mútuo – resposta, memória, pergunta, afeto.

Diria que, nestes 25 anos de Aplicação, a relação estreita com os colegas do Projeto Córdoba/Projeto Brasil foi sempre

³⁷ Doutor em Literatura pela UFSC e Professor de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Pai de ex-intercambista, orientador e professor visitante em Córdoba. Contato: joao.nilson@ufsc.br

intensa. Acrescento, igualmente, que tem sido da maior importância. As primeiras memórias me remetem aos comentários de meus pares na Disciplina de Língua Portuguesa (isto era em 1993...): a professora Ana Sabino esteve em Córdoba, para o que se chama hoje de “Estágio Docência”. Pouco tempo depois, a professora Raquel Carranza vem ao Brasil e nos oferece um curso de Espanhol para iniciantes. Foi um curso leve, valoroso, porque comecei a bombardear meu imaginário com mais informações, mais trocas. A simpatia de ambas professoras nutriram entre nós este elemento que, poderia dizer, é o motor deste projeto e de nossas vidas: o desejo.

Desta forma, aos poucos, esta linha tênue de ideias, sensações, esperanças tornava-se um novelo, denso, com um emaranhado tamanho que, uma vez nele, novas formas foram ganhando corpo... Trata-se, sem dúvida, de um desenho em movimento! E não são poucos os traços, as marcas: atravessar esta fronteira pressupõe derrubar velhos preconceitos; colocar-se no lugar do outro, ali onde uma noção (uma ideia) encontra uma família, com seus hábitos, sua rotina, suas diferenças e suas alegrias, como também uma escola, novos colegas, outros professores, festas e tempo de “temblar”, mover-se, ecoar... Cruzar este rio é pôr em movimento outro tanto de “ignorância” mútua : dar-se a conhecer, aprofundar-se naquilo que nos faz tão diferentes e tão especiais. Estes são alguns aspectos que tentei abordar naquele dia da arguição da banca (particularmente de uma docente), que agora traço em linha dupla, no sentido que me serve para também pensar este vigoroso e árduo projeto... Aquele questionamento expõe, de alguma forma, a fragilidade das relações Brasil-Argentina (ainda nos conhecemos pouco, Cone Sul, Mercosul, Intercâmbio...), ao mesmo tempo em que

coloca a questão em um outro patamar : se chamou a atenção, é também porque intrigou, mexeu... Nada mal para tantas histórias vividas neste tempo. Nada pouco para outras tantas que certamente virão.

Seguindo a linha dúplice, agora na pista da memória, o que dizer da viagem com Danuza, levando e trazendo alunos, nos idos de 1999..? Primeira ida a Córdoba.. histórias ouvidas; projetos levados, discutidos; diálogos longos (a viagem de volta, e os intercambistas que não paravam de falar... !!!).. Sim, esta é uma viagem dos desejos! Intercambiantes, por certo. Mas desejos que alimentam esta estrada, este rio... Ali, além do frio, encontramos o calor do locro, feito por Susana Ferreyra e sua irmã Sílvia; a saída noturna com Leandro Cisneros – e ‘El Ateneo’ (que não existe mais) ficou sendo este lugar mágico, onde presenciei uma das melhores performances da música brasileira, tocada por um grupo argentino. Foi ali que nossa Macondo foi se tornando realidade. Foi ali que conhecemos Lucas, sobrinho de uma das professoras argentinas, então atuante em um grupo folclórico argentino, com quem trocamos as primeiras impressões. Também ali conheci a família de Ernesto Ambrosino, com quem travamos longa e intensa amizade, provando “el asado” que seu pai, Sílvio, nos preparou. Junto conheci a força e alegria de Marcela Martinez, ao lado do outro filho, Lisandro, que viria anos depois também para o intercâmbio. Esta ponta de lança reforçou os laços : retornei em 2002, na comemoração dos 10 anos do Intercâmbio, quando oferecemos várias oficinas – e o ônibus fretado daqui, cheio de colegas (Rodolfo Pantel, Sílvia Leni) e tantos outros. Já em 2006, depois de longo projeto, morei em Buenos Aires por 4 meses, onde desenvolvi larga pesquisa sobre escritores brasileiros (exilados ou não) que tinham publicado na

imprensa argentina – isto durante o “sanduíche” do Doutorado. A Biblioteca Nacional “borgeana” só confirmava que a vida é ampla e densa. Ali fui descobrindo que a vida era mais do que alfajores! E para um momento de Copa do Mundo, não foi nada fácil. No entanto, entre um café e muitas caminhadas até a Biblioteca, ser “morador”, ainda que provisório, dava esta sensação de estar em permanente texto cotejado. E se trabalhamos no lado a lado, descobrimos que nossas semelhanças e diferenças perfazem um percurso ainda pouco trilhado.

No Brasil, as orientações constantes e variadas de projetos de brasileiros e argentinos, além da vivência em sala de aula e fora dela, tornaram esta experiência ainda mais rica. Então, na bagagem, além do doce de leite, enchíamos nossa vida da ambrosia dos deuses : sair do seu lugar – remar – cruzar a fronteira – encontrar lá/aqui o motivo de desejar mais ainda este querer. Não seria demais afirmar que é, assim como a música de Caetano Veloso, um mundo de “quereres”. Anos depois, Mateus, meu filho, é quem desejaria participar deste movimento todo. E foi. E foram alguns amigos daqui. E mais amigos fizeram por lá. Recebemos outro filho, Frederico. Também nestes anos, conheci outros parceiros de projeto : Gustavo Tobar e Willy, duas forças que me impressionaram. O primeiro, além do registro, do desejo de fotografar este mundo de cá, surpreendeu-me o vasto conhecimento sobre nossa música e o desejo intenso de conhecer mais sobre a cultura brasileira em geral. Não há assunto que não lhe interesse. Hoje frequenta aulas de Português em Córdoba, o que só o enriquece, certamente.

Por fim, em 2017, aconteceram as comemorações do Intercâmbio – 25 anos!!! Preparamos uma oficina interdisciplinar

: Literatura (comigo) + Arte (Fabíola e Natasha) que aconteceu lá e se encerrou, emocionadamente, aqui. Lá contamos com a atuação de (Thereza) e com a parceria e amizade de Tomás Fontan, sempre muito atuante, hoje um dos coordenadores do Projeto no CA. Nem Sandra Mendonça nem Fernanda, colegas igualmente batalhadoras neste propósito, estiveram lá neste momento, mas atuaram decisivamente para que este evento tivesse ocorrido. Outros nomes, obviamente, estão presentes nesta história. Perdoem-me: a pauta é longa, mas o espaço, curto. Fica, aqui, minha homenagem a todos os que tornam, ano a ano, este projeto possível.

Assim, o barco cresce, a força do rio é imensa... No entanto, os barqueiros não se cansam de nele entrar... navegar e, ao contrário do personagem de Guimarães Rosa, que inspirou o título deste texto, vivendo na terceira margem, no meio do rio, neste “entre-lugar”, poderia dizer que esta experiência é uma das razões as quais, para além de tornar bela a vida, marca, indelével e para sempre, nossa existência. E nisso a fronteira, o rio, lá e cá, nutrem-se do mesmo alimento: o entre-lugar chamado desejo desejo.

